

Corredor

Visite a exposição

preto | branco

Roberto Magalhães

Na Galeria EAV

Galeria 2

Roberto Magalhães | Coleção Escola de Artes Visuais do Parque Lage

Parede 1 Hall

Roberto Magalhães

Preto | Branco 1963/1966

De 25 de março a 22 de maio de 2011

A exposição continua na Galeria EAV (térreo)

Parede 2 hall

Texto crítico Geroge Kornis

Parede preta Galeria EAV

Roberto Magalhães

Preto | Branco 1963/1966

De 25 de março a 22 de maio de 2011

A exposição continua nas Galerias 1 e 2 (1º andar)

Realização

3 Logos

Parágrafos galeria EAV

Painel 1

(...) A *xilogravura* de Roberto Magalhães, admitida por muitos e considerada por J.R. Teixeira Leite como o exemplo demonstrativo do novo capítulo que indica sob o nome de "A jovem gravura brasileira", é, sob análise estética, o seu desenho, pleno de razões intelectuais e de valores plásticos, realizado entre o corte e a impressão.

Nota-se, em toda a obra, a relação que ele costuma estabelecer entre *matéria e assunto*, de tal modo que o desenho proposto para a xilogravura não haveria de ocorrer noutra espécie. Por esta mesma razão, o seu desenho feito sobre papel, em nanquim ou aguada, adquire e reflete qualidades materiais próprias que sabe implicar aos propósitos estéticos. Não sei quanto se tornou claro o que pretendo indicar.

É preciso deixar bem entendido esse importante ponto para compreensão do jovem e prodigioso artista: cada gênero que ele assume, cada solução material e formal que propõe, acha-se implicada ao seu jogo criativo. Isto é, a intenção de concretizar, através de um vocabulário de recursos plásticos, toda uma mensagem estética e igualmente ética.

Painel 2 - com vitrine

Mesmo que o artista prefira afirmar não lhe interessar senão a problemática da composição plástica, inteiramente destituída de compromisso conteudístico, literário, é inequívoco o caráter, o teor, de sua profunda motivação ética.

Não importa ser ele consciente disto. O poeta nem sempre é senhor da imagem, em toda a dimensão. Não cabe ao artista medir a consequência do que faz, até mesmo porque parte de suas intenções, inconscientes nele, serão porventura completadas pelo seu observador de data incerta. O que determina essa relatividade *inconsciência de mensagem* no artista é o fato dele refletir o sentimento coletivo que acolhe e projeta em nome de muitos, intuitivamente.

Painel 3 – com vitrine?

(...) Roberto Magalhães não procura fazer a arte do terror, como linguagem simbólica de uma interioridade. O seu *pathos* expressa um sentimento e um julgamento coletivo. Nunca constatei em seus desenhos projeção de condição individual. Sempre percebi situações, figuras, metáforas de condição humana, plural, em conflito com as contenções e restrições.

Deste compromisso com o sentimento coletivo é que R. Magalhães se assemelha aos "charginistas", assim como ocorreu a Posada. Há, em sua produção, um sentido caricatural da humanidade em sua data. Não há, entretanto, insinuação de corrigi-la para o "bom caminho", mas apenas o de mostrá-la mais despida, tão cruel e grotesca como lhe parece e muito cômica toda vez em que se presume sincera, ou heróica.

(...) Não estou sendo exagerado. Apraz-me escrever sobre este jovem e notável artista porque antevejo a presença e a atenção que a obra dele merecerá como testemunho estético de nossa data. E, talvez aconteça, os pósteros terão certa consideração com o crítico por ter sido fiel cronista do artista.

Clarival do Prado Valladares

Fragmentos do texto

"A gravura, o desenho, a pintura e a escultura de Roberto Magalhães", 1966

Texto de apresentação - duas paredes Hall

Roberto Magalhães: uma obra gráfica singular

Desenhista desde a origem, Roberto Magalhães foi autodidata até os 22 anos de idade quando passou a freqüentar, em 1962, o Atelier Livre da Escola Nacional de Belas Artes (ENBA). Nesse mesmo ano expôs desenhos na Galeria Macunaíma- galeria criada em 1959 pelo Diretório Acadêmico da ENBA - e começou a atuar como ilustrador da *Senhor*, revista que foi, sem dúvida, um marco referencial na história da ilustração gráfica brasileira. Exerceu essa função até 1964. Essa atividade foi certamente importante na sua formação gráfica, tal como o foi a prática de três anos no campo do desenho de propaganda. O conjunto dessas experiências ampliou muito seu conhecimento gráfico e o próprio Roberto Magalhães reconheceu, em depoimento, que "a publicidade me deu a visão objetiva dessas coisas gráficas, de impressão" (FERREIRA e TÁVORA, vol. III; p.53). Em 1963, ganhou o prêmio de aquisição na I Exposição Jovem Desenho Nacional realizada no MAC/USP, e nesse mesmo ano começou a produzir suas primeiras xilogravuras. E elas, desde a origem, já prenunciavam a singularidade de sua obra gráfica.

Sua primeira exposição individual de gravuras ocorreu em 1964 na prestigiosa Petite Galerie/ RJ. Na verdade, essa exposição continha gravuras e desenhos, e foi um marco na co-habitação entre essas duas produções na obra desse artista. Essa co-habitação foi particularmente importante no período compreendido entre 1963 e 1966, dado que toda a produção de Roberto Magalhães em xilogravura foi realizada nesse curto intervalo de tempo. Além de curto, esse período foi intenso, pois, como afirmou, "(...) comecei a gravar... e gostava muito de gravar... e gravava muito... eu trabalhava sempre doze horas por dia... só em madeira: **peroba e canela**" (FERREIRA e TÁVORA, vol III; pg.52). Nesse mesmo ano, recebeu premiação em gravura no XIII Salão Nacional de Arte Moderna e na I Exposição Jovem Gravura Nacional realizada no MAC/USP. Além dessas importantes premiações, Roberto Magalhães participou nesse mesmo ano da IV Bienal de Gravura de Tóquio. Tratava-se de uma carreira meteórica: um artista autodidata, estreante em 1962 e consagrado em apenas um triênio de trabalho centrado na produção de desenhos e xilogravuras não era um fato corriqueiro no acanhado sistema de arte do Brasil da primeira metade dos anos 1960.

A produção de Roberto Magalhães, centrada no desenho e na xilogravura, avançaria de modo muito consistente. Ele expôs desenhos na importante mostra Opinião 65, que representou uma ruptura significativa com a produção em arte do passado. Suas gravuras foram premiadas na IV Bienal de Paris e expostas na VIII Bienal de São Paulo. Em 1966, juntamente com Antonio Dias, Carlos Vergara, Rubens Gerchman e Pedro Escosteguy, participou da antológica mostra na galeria G4 no Rio de Janeiro, além de estar presente em várias exposições internacionais em Buenos Aires, Cornell, Santiago, Huston e Tóquio. Nesse mesmo ano, expôs na Petite Galerie um conjunto significativo de aquarelas "onde a cor dá mais leveza a suas imagens suavizando o traço dramático existente em suas gravuras em madeira" (DUARTE,

1998; p.301). Participou em 1967 da muito importante exposição Nova Objetividade Brasileira no MAM/RJ, e viajou para Paris confiante nos recursos de uma bolsa de estudos concedida pelo governo brasileiro. No entanto retornou ao Brasil em 1968 "antes do tempo previsto devido aos atrasos no recebimento da bolsa de estudos por parte do governo brasileiro" (DUARTE, 1998; p. 301).

A produção de xilogravuras do artista se interrompeu em 1966 por motivo que ele próprio diz, em depoimento, desconhecer (FERREIRA e TÁVORA, vol. III; p.53). Todavia seu vínculo com a gravura não se esgotara: em 1969 passou a dar aulas no ateliê livre de gravura do MAM/RJ, e muito tempo depois fez algumas litogravuras e algumas gravuras em metal sem maior continuidade. É o próprio Roberto Magalhães que, em depoimento, declara que "no Parque Lage fiz uma tiragem de litogravura... mas só desenhei, a impressão foi do Antonio Grosso... aliás, na área de impressão, tanto de lito quanto de metal, nunca mexi, não conheço nada" (FERREIRA e TÁVORA, vol. III; p.53). Com o passar do tempo, ficou, no entanto, evidente que, embora o vínculo do artista com o desenho tenha sido bastante mais longo, sua produção em xilogravura foi um elemento singular de sua obra, seja pela sua co-habitação produtiva com o desenho, seja por sua grande envergadura e rara intensidade. A singularidade da obra gráfica de Roberto Magalhães não se deve apenas aos elementos acima mencionados. Ela também foi inovadora no modo de gravar, foi bem acolhida pela crítica de arte e pelo mercado de arte, está presente nas principais coleções públicas e privadas do país.

O sentido maior dessa exposição na Escola de Artes Visuais do Parque Lage reside na preservação da memória, no estímulo à consolidação de um compromisso com a idéia de que a obra de arte é e será sempre uma expressão singular, autoral e inovadora de pensamentos que integram uma poética manifesta em uma linguagem visual.

Gravura - técnica manual de impressão
Xilogravura
litogravura
em metal - serigrafia?
↓
Caligrafia

all silk - screen
Cauimbo
seda

- George Kornis -
Matiz / cópia
↓
⊥ monótipia